



UC/FPCE_2018

Universidade de Coimbra

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

Avaliação de Estados Emocionais e Sintomas Cognitivos em Adultos Idosos: Estudo do Viés de Aquiescência em Instrumentos de Escolha Dicotómica

Nídia Gouveia Franco (e-mail: nidiah_f@hotmail.com)

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde, área de especialização em Psicogerontologia Clínica, sob a orientação do Professor Doutor José Augusto Leitão

Avaliação de Estados Emocionais e Sintomas Cognitivos em Adultos Idosos: Estudo do Viés de Aquiescência em Instrumentos de Escolha Dicotômica

Este estudo teve como principal objetivo investigar a manifestação do viés de aquiescência nos adultos idosos em dois tipos de instrumentos de avaliação (neuro)psicológica: baseados na expressão de juízos subjetivos (acerca de estados emocionais e sintomas cognitivos) e no desempenho em tarefas cognitivas. Pretendemos também identificar os processos cognitivos que poderão estar envolvidos na expressão deste viés. Quanto a este aspeto, centrámo-nos em duas teorias explicativas: a teoria do processamento dual e a hipótese do viés de alcançabilidade.

Analisámos as respostas de 32 adultos idosos, com idades compreendidas entre os 65 e os 80 anos, em versões paralelas de instrumentos de avaliação baseados na expressão de juízos subjetivos. As versões foram construídas para obter uma medida do viés de aquiescência. Foram também analisados os erros de falso de alarme enquanto indicador de viés de aquiescência em tarefas cognitivas estruturadas em respostas de escolha dicotômica. Diversas funções cognitivas foram também avaliadas.

Observámos viés de aquiescência nos adultos idosos apenas nos instrumentos de avaliação de estados subjetivos. Os nossos resultados sugerem que a opção de resposta "concordo/discordo", mais do que "sim/não", facilita o acesso ao estágio de reconsideração das respostas. Os resultados deste estudo são favoráveis à teoria do processamento dual.

Palavras chave: viés de aquiescência, envelhecimento, funções executivas, processamento dual, viés da alcançabilidade.

Assessment of Emotional States and Cognitive Symptoms in Elderly Adults: Study of Acquiescence Bias in Dichotomous Choice Instruments

The main objective of this study was to investigate the manifestation of the acquiescence bias in elderly adults in two types of (neuro)psychological assessment instruments: based on the expression of subjective judgments about emotional states and cognitive symptoms) and on performance in cognitive tasks. We also intend to identify the cognitive processes that may be involved in the expression of this bias. In this regard, we have focused on two explanatory theories: dual processing theory and the reachability bias.

We analyzed the responses of 32 elderly adults, aged 65 to 80 years, in parallel versions of assessment instruments based on the expression of subjective judgments. The versions were built to obtain a measure of acquiescence bias. We also analyzed the false alarm errors as an indicator of acquiescence bias in cognitive tasks structured in dichotomous choice responses. Several cognitive functions were also evaluated.

We observed acquiescence bias in the elderly adults only in the instruments of evaluation of subjective states. Our results suggest that the "agree/disagree" response option, more than "yes/no", facilitates access to the stage of response reconsideration. The results of this study are in favor of dual process theory of acquiescence.

Key Words: acquiescence bias, aging, executive functions, dual process theory of acquiescence, reachability bias.

Agradecimentos

Começo por agradecer ao Professor Doutor José Leitão, pela sua orientação e empenho ao longo deste trabalho. Muito obrigada pela partilha de conhecimento, por toda ajuda e paciência.

À minha orientadora de estágio, Professora Doutora Manuela Vilar, grata pelos conhecimentos, valores e coragem que sempre me transmitiu.

A todas as pessoas que participaram voluntariamente neste estudo, grata pela vossa generosidade.

À Imke Buekenhout, agradeço imenso a sua ajuda e contribuição para este projeto.

Mariana, Pedro, Joana, Rita, Rafaela, Daniela, Isabela, meus queridos amigos e colegas, que os valores da partilha e da amizade continuem a fazer parte da nossa conduta.

À minha mãe e ao meu pai, os meus pilares, agradeço o apoio incondicional.

Ao meu adorado irmão Diogo, pela viagem partilhada.

Deixo uma dedicatória especial à minha eterna avó Maria.

Reconheço que este trabalho é principalmente fruto de (des)encontros. A todos, muito obrigada!

Índice

Introdução	1
I-Enquadramento Conceptual	2
1. Viés de Aquiescência.....	2
2. Teorias Explicativas.....	3
2.1 Teoria do Processamento Dual.....	3
2.2 Hipótese do Viés de Alcançabilidade.....	4
3. Envelhecimento e processos cognitivos com possível impacto no viés de aquiescência.....	5
3.1 Funções executivas.....	6
3.2 Memória de Trabalho.....	8
3.2.1 Memória de Trabalho Visuo-espacial.....	8
3.2.2 Memória de Trabalho Verbal.....	9
3.3 Processamento Auto-Iniciado.....	9
3.4 Compreensão da Linguagem.....	10
II-Objetivos e Hipóteses	11
III-Método	14
IV- Resultados	23
V- Discussão	35
VI- Conclusões	39
Bibliografia	41
Anexos	i

Índice de Quadros

Quadro 1.	Estatísticas descritivas das proporções de respostas positivas mantidas na segunda aplicação dos IAES, de acordo com a modalidade de resposta no grupo sem viés de aquiescência e no grupo com viés de aquiescência	24
Quadro 2.	ANOVA com os fatores grupo com viés/sem viés) e modalidade de resposta (sim/não ou concordo/discordo) e a variável dependente número de respostas positivas mantidas na segunda aplicação dos IAES	25
Quadro 3.	Regressão múltipla simultânea para os preditores cognitivos com o critério respostas positivas mantidas na segunda aplicação dos IAES (N=29).....	28
Quadro 4.	Sumário da regressão hierárquica para as respostas positivas mantidas na segunda aplicação dos IAES (N=29).....	29
Quadro 5.	Regressão múltipla simultânea para os preditores cognitivos com o critério respostas negativas mantidas na segunda aplicação dos IAES (N=29).....	33

Lista de Acrónimos

CW- Subteste Cubos da WAIS-III

FE- Funções Executivas

GAI-Inventário de Ansiedade Geriátrica

GDS-30- Escala de Depressão Geriátrica-30 itens

IAC- Instrumentos de Avaliação Cognitiva

IAES- Instrumentos de Avaliação dos Estados Subjetivos

LP I- Listas de Palavras I da WMS-III

LP I-1ªEV- Lista de Palavras I- Primeira Evocação

LP I-CEA- Lista de Palavras I-Cálculo da Evolução da Aprendizagem

LP I-ET- Lista de Palavras I- Evocação Total

LP II- Listas de Palavras II da WMS-III

LP II-ET- Lista de Palavras II- Evocação Total

LP II-PR- Lista de Palavras II- Percentagem de Retenção

LP II-R- Lista de Palavras II- Reconhecimento

MT- Memória de Trabalho

PSW- Subteste de Pesquisa de Símbolos da WAIS-III

QQSM- Questionário de Queixas Subjetivas de Memória

RRN- Repetições de Respostas Negativas

TMT- Trail Making Test

TOM- Tarefa de Ordenação de Meses

VA- Viés de Aquiescência

WAIS-III- Escala de Inteligência de Wechsler para Adultos-III

WMS-III- Escala de Memória de Wechsler-III

Introdução

Na entrevista clínica e durante o processo de avaliação (neuro)psicológica da pessoa idosa poderão revelar-se necessários alguns ajustamentos na comunicação, de forma a evitar a ocorrência de situações em que o profissional cria a falsa impressão de estar a ser compreendido e a compreender o seu interlocutor idoso, quando de facto uma dessas vertentes do processo de comunicação, ou ambas, poderão encontrar-se gravemente perturbadas. Estas falhas na comunicação poderão ocorrer mesmo em situações de avaliação estruturadas, como a aplicação de testes (neuro)psicológicos, originando interpretações erróneas do estado emocional e cognitivo do indivíduo em avaliação. Deste modo, torna-se pertinente estudar as particularidades da comunicação com o adulto idoso para que se desenvolvam estratégias que diminuam a probabilidade de deficiências no processo comunicativo, como ajustamentos nas formas adotadas para questionamento em situação de entrevista ou na construção de testes, bem como ajustamentos nas modalidades de resposta disponibilizadas no contexto do completamento de testes (Yorkston, Bourgeois, & Baylor, 2010).

A presente dissertação tem como objetivo contribuir para a temática em questão, através do estudo do viés de aquiescência (VA). Iremos verificar a existência deste viés em instrumentos de avaliação dos estados subjetivos (IAES) e instrumentos de avaliação cognitiva (IAC).

Na Secção I encontra-se a concetualização teórica relevante para uma melhor compreensão dos objetivos deste estudo, sendo explorados alguns processos cognitivos que declinam com a idade. A Secção II integra os objetivos gerais e específicos do presente estudo e na Secção III encontra-se a caracterização da amostra, os critérios de seleção e exclusão e a descrição dos métodos adotados. Na Secção IV apresentamos os resultados, que são discutidos na Secção V. Por fim, na Secção VI são expostas as conclusões e recomendações para a

elaboração de futuros estudos nesta área.

I – Enquadramento conceptual

No âmbito da avaliação (neuro)psicológica é comum o psicólogo recorrer à aplicação de questionários de autorresposta para avaliação de comportamentos, atitudes, afetos e traços de personalidade. Este formato de teste é suscetível a enviesamentos de resposta que ameaçam a qualidade dos dados.

De acordo com Paulhus (1991), os enviesamentos de resposta incluem: a desejabilidade social, ou seja, a inclinação para responder de modo a transmitir uma imagem socialmente agradável de si mesmo; a tendência para dar preferencialmente respostas positivas ou negativas, em questionários de escolha dicotómica; também nas escalas de Likert, onde os indivíduos são questionados acerca do quanto concordam ou discordam de uma afirmação, a tendência a selecionar respostas que se encontram nas extremidades (e.g., “concordo fortemente” ou “discordo fortemente”) ou ainda, no centro das opções de resposta de forma a evitar o compromisso e assumir uma posição neutra.

O termo “viés” refere-se a uma tendência ou um desvio da norma. Os vieses podem resultar de limitações cognitivas, estratégias de processamento ou de uma fraca organização perceptual e até mesmo de motivações específicas (Keren & Teigen, 2004).

Ao longo deste trabalho iremos debruçar-nos particularmente sobre o estudo do VA.

1. O Viés de Aquiescência

O VA define-se como a tendência para concordar em vez de discordar com os itens de um questionário, independentemente do seu conteúdo e direção (Costello & Roodenburg, 2015; Rammstedt, Danner, & Bosnjak, 2017). Este viés representa uma séria ameaça à validade dos testes de autorresposta, uma vez que pode desfocar a

estrutura fatorial pretendida de um questionário, podendo também alterar as correlações entre variáveis (Baumgartner & Steenkamp, 2001 cit. in Lelkes & Weiss, 2015) e dar origem a conclusões erradas, tanto em contexto de investigação como na prática clínica (Rammstedt, Goldberg, & Borg, 2010; Rammstedt & Farmer, 2013).

2. Teorias Explicativas

Algumas teorias foram propostas para explicar a ocorrência do VA. Couch & Keniston (1960, 1961 cit. in Knowles & Condon, 1999) sugeriram que o VA seria um reflexo da motivação de agradar ao entrevistador, visto que o entrevistado tende a adequar a sua resposta ao contexto. Nos indivíduos aquiescentes a resposta seria baseada exclusivamente na desejabilidade social (Schlenker, 1980; Leary & Kowalski, 1990; Schneider, 1981 cit. in Knowles & Condon, 1999).

Cronbach (1942, 1950 cit. in Knowles & Condon, 1999), sugeriu que os preditores da resposta aquiescente seriam os processos cognitivos, possivelmente devido a implicações da flexibilidade cognitiva, uma vez que, de acordo com esta perspetiva, os sujeitos quando questionados ativam uma busca de memória confirmatória e parecem não aceder a informações contraditórias.

Para este trabalho centrámo-nos essencialmente em duas teorias explicativas: a teoria do processamento dual (dual process theory of acquiescence) e a hipótese do viés de alcançabilidade (reachability bias).

2.1 Teoria do Processamento Dual

Shiffrin & Schneider (1977 cit. in Brocas & Carillo, 2014), propuseram a existência de dois tipos de processamento cognitivo. Um é rápido e automático, sendo intuitivo e associativo, podendo ocorrer sem o controlo consciente; outro é deliberativo, analítico, controlado, mais lento e consciente.

Darlow & Sloman (2010) aplicam a distinção proposta por

Shiffrin & Schneider (1977) aos processos de raciocínio, que se iniciariam com um estágio automático/intuitivo passível de ser complementado por um segundo estágio deliberativo/analítico.

De acordo com Gilbert (1991), a compreensão de uma ideia pressupõe a sua aceitação automática, pelo que, num primeiro estágio de processamento automático/intuitivo, as frases são codificadas como verdadeiras. Depois, num segundo estágio de processamento deliberativo/analítico há a reconsideração da aceitação inicial, neste estágio, com base nas evidências, o sujeito decide se continua a aceitar ou rejeita a proposição inicial.

De acordo com Knowles & Condon (1999), os indivíduos aquiescentes não conseguem reconsiderar a aceitação inicial de um item. Os autores observaram que estes sujeitos davam respostas mais rápidas em comparação com indivíduos não aquiescentes. Já os indivíduos com tendência a repetir respostas negativas demoravam mais tempo a responder “sim”, o que poderá dever-se a um processo de reconsideração exagerado.

2.2 Hipótese do Viés de Alcançabilidade

De acordo com Bar-Hillel, Peer, & Acquisti (2014), o viés de alcançabilidade é uma preferência pela resposta apresentada em primeiro lugar no formato de resposta binária (e.g., cara ou coroa *versus* coroa ou cara). O viés de alcançabilidade encontra-se vinculado a efeitos de primazia, ou seja, o objeto mais próximo temporalmente ou espacialmente é alcançado em primeiro lugar. A seleção da primeira opção que é apresentada exige menos esforço por parte do respondente. Segundo os autores, o viés de alcançabilidade é uma característica da arquitetura de escolha da tarefa e não está dependente da memória. Assim, aspetos ambientais tais como a ordem pela qual as opções de resposta são apresentadas nas instruções e a ordem espacial pela qual as opções surgem na folha de registo das respostas serão os principais preditores da ocorrência deste viés.

A preferência pela primeira opção de resposta poderá sobrepor-se aos efeitos de convenção linguística, enraizados na cultura (e.g., cara é referida primeiro do que coroa). Note-se que na maior parte dos questionários de resposta dicotômica, a opção positiva aparece em primeiro lugar (e.g., “sim/não”; “concordo/discordo”), sendo esta mais acessível. Ainda na visão de Bar-Hillel et al., (2014), o VA, descrito na literatura como um viés semântico, poderá tratar-se de um viés de alcançabilidade. Note-se que, a ser assim, o VA poderá afetar não apenas instrumentos em que se trate de exprimir concordância/discordância relativamente aos itens, mas também instrumentos baseados em tarefas cuja resolução é expressa selecionando uma resposta de entre um elenco fixo de escolhas, como acontece em alguns testes de avaliação de desempenho cognitivo.

Esta explicação pela alcançabilidade é associável com a incompreensão: não havendo critério racional para selecionar a resposta, já que o item/questão não foi compreendido, vai a alcançabilidade, determinada pela ordem de menção das opções de resposta, substituí-lo.

3. Envelhecimento e processos cognitivos com possível impacto no viés de aquiescência

Durante o processo de senescência o nosso cérebro sofre alterações químicas e estruturais, como a atrofia da substância cinzenta e da substância branca, a redução da densidade sináptica e a diminuição do fluxo sanguíneo (Cabeza, 2001; Raz, 2000 cit. in Cabeza, Anderson, Locantore, & McIntosh, 2002). As alterações cerebrais inerentes ao processo de envelhecimento normal poderão provocar algumas diminuições nas capacidades cognitivas, nomeadamente na atenção, na perceção e habilidade espacial, na velocidade de processamento, na memória episódica, na memória prospetiva, nas funções executivas (FE) e na memória de trabalho (MT) (Luo & Craik, 2008; Salthouse, Atkinson, & Berish, 2003). O

envelhecimento é acompanhado por declínios no processamento controlado, enquanto que o processamento automático se mantém mais preservado (Luo & Craik, 2008).

Tendo em conta a literatura revista acerca do VA, nas páginas que se seguem iremos debruçar-nos essencialmente sobre alguns efeitos do envelhecimento nas FE, na MT, no processamento auto-iniciado e na compreensão da linguagem.

3.1 Funções Executivas

As FE são responsáveis pela coordenação e monitorização de outras capacidades cognitivas e do comportamento e são também responsáveis pela regulação emocional (Lezak, Howieson, Loring Hannay, & Fischer, 2004). As FE compreendem: o controlo inibitório, a flexibilidade cognitiva ou alternância, a iniciação, o planeamento, a categorização, a atenção seletiva, a atenção dividida, a tomada de decisão, a abstração e a MT. Estas funções desempenham um papel fundamental na nossa capacidade de responder adaptativamente às exigências internas e externas e são mediadas pelos lobos frontais, envolvendo outras regiões cerebrais, como os lobos parietais (Pires, Simões, Leitão, & Guerrini, 2016).

Iremos debruçar-nos especialmente sobre as FE que poderão estar envolvidas no VA. Grosso modo, seriam funções envolvidas na inibição de uma resposta afirmativa impulsiva após o primeiro estágio automático/intuitivo, de compreensão de um item; a iniciação de um novo estágio de processamento do item, deliberativo/analítico; e a capacidade de levar a bom termo esse segundo estágio, que conduz à tomada de decisão quanto à resposta a dar. Por sua vez, a MT, pela sua relação com a compreensão da linguagem, poderá tornar desnecessário o recurso à alcançabilidade como estratégia de seleção da resposta. Tanto a MT verbal (Just & Carpenter, 1992) como a MT visuo-espacial (Zwaan, 2016) têm sido apontadas como intervenientes fundamentais na compreensão da linguagem. Pela sua complexidade,

discutiremos a MT numa secção específica.

No que concerne ao controle inibitório, ou seja, a capacidade de parar um comportamento no tempo certo e de impedir a interferência de informação irrelevante durante o processamento de informação. Este, parece diminuir com o envelhecimento, podendo afetar outros domínios cognitivos como a memória verbal e a capacidade de atenção (Persad, Abeles, Zacks, & Denburg, 2002). Os adultos idosos também parecem apresentar dificuldades em inibir os estímulos distratores em tarefas de leitura (Darowski, Helder, Zacks, Hasher, & Hambrick, 2008).

No que respeita à alternância, ou flexibilidade cognitiva, alguns estudos também têm evidenciado alterações associadas ao envelhecimento. Note-se que as tarefas de alternância envolvem também capacidade de processamento auto-iniciado, já que a alternância é habitualmente gerida pelo próprio participante durante tarefas que não fornecem o apoio de pistas externas. Wecker, Kramer, Hallam, & Delis (2005), num estudo com 719 indivíduos com idades compreendidas entre os 20 e 89 anos, constataram que os mais velhos apresentavam uma performance reduzida em tarefas que envolvem a flexibilidade cognitiva em tarefas visuais (e.g., Trail Making Test B). Os autores utilizaram ainda testes de fluência verbal com alternância entre duas categorias semânticas, com o objetivo de perceber se havia alterações na flexibilidade cognitiva verbal com o aumento da idade. O grupo de adultos mais velhos apresentou mais dificuldades neste tipo de tarefa em relação aos mais jovens.

Com o processo de envelhecimento, parece haver também uma redução na capacidade de iniciação. Esta diz respeito à habilidade de começar uma atividade, gerar ideias e respostas, desempenhando um papel importante na resolução de problemas (Lin, Chan, Zheng, Yang, & Wang, 2007).

3.2 Memória de Trabalho

A MT é um sistema de armazenamento com capacidade limitada, que permite a manipulação de informações necessárias para realização de tarefas complexas, tais como a compreensão, a aprendizagem e o raciocínio (Baddeley, 2000).

Este sistema é constituído pelo bloco de esboços visuo-espacial, o buffer episódico, o ciclo fonológico, e o executivo central (Baddeley & Hitch, 1974, cit. in Baddeley, 2000). O bloco de esboços visuo-espacial é responsável pelo processamento da informação visual e encontra-se dividido em duas partes interdependentes, uma mantém as características dos objetos (e.g., cor) e a outra mantém as localizações espaciais (MT visuo-espacial). O ciclo fonológico tem como função processar informações verbais (MT verbal). O executivo central é responsável pelo processamento controlado na MT, incluindo, entre outros, a atenção, a manutenção dos objetivos da tarefa, a tomada de decisão e a recuperação da memória (Beigneux, Plaie, & Isingrini, 2007).

3.2.1 Memória de Trabalho Visuo-espacial

A MT visuo-espacial encontra-se bastante afetada com o envelhecimento (Kumar & Priyadarshi, 2013). O envelhecimento normal parece estar relacionado com um declínio no bloco de esboços visuo-espacial e no sistema executivo central (Rypma, Prabhakaran, Desmond, & Gabrieli, 2001). Isto traduz-se na redução da quantidade e na qualidade da informação mantida na memória. Os adultos idosos apresentam dificuldades em manter na memória a localização de objetos em relação aos adultos jovens (Brockmole & Logie, 2013). De acordo com Salthouse (1996), o envelhecimento é acompanhado por uma redução geral na velocidade de processamento, que irá afetar a cognição de nível superior e poderá interferir no desempenho da MT.

3.2.2 Memória de Trabalho Verbal

A MT verbal tem vindo a ser descrita na literatura como um mecanismo subjacente ao processamento e à compreensão da linguagem. Com o envelhecimento, o ciclo fonológico parece não sofrer alterações significativas. No entanto, como já referimos anteriormente, alterações no executivo central têm vindo a ser documentadas (Rypma et al., 2001). Sung (2015), num estudo com uma amostra constituída por 60 sujeitos com idades compreendidas entre os 21 e 86 anos, verificou que adultos idosos apresentavam mais dificuldades em produzir frases em condições mais exigentes do ponto de vista cognitivo. Kaufman (2000), através da aplicação do subteste de Sequência de Letras e Números da WAIS-III, percebeu que os sujeitos mais velhos apresentavam algumas limitações na MT verbal. Ainda, em tarefas de memória de dígitos em ordem inversa, os adultos idosos tendem a apresentar resultados deficitários em relação aos adultos jovens (Goffaux Phillips, Sinai, & Pushkar, 2008). Também Nittrouer, Lowenstein, Wucinich, & Moberly (2016), realizaram um estudo transversal com uma amostra constituída por 45 indivíduos, com o intuito de verificar quais os processos que estariam envolvidos no decréscimo do desempenho da MT verbal nos idosos. Os participantes mais velhos (60-80 anos), em comparação com os mais jovens (18-32 anos), manifestaram diminuição na velocidade de processamento, com impacto negativo sobre o desempenho da MT verbal.

3.3 Processamento Auto-Iniciado

De acordo com Unsworth (2009), o processamento auto-iniciado (self-initiated processing) pode ser pensado como componente de vários processos controlados, que serão necessários em diversas tarefas e de diferentes formas.

Craik (1983, 1986, cit. in Unsworth, 2009) sugeriu que a heterogenidade no desempenho em tarefas de memória dos adultos

idosos em relação aos jovens pode ser explicada na medida em que o processamento auto-iniciado é solicitado. Por exemplo, em tarefas de reconhecimento, que são suportadas por pistas externas, as diferenças de desempenho tendem a ser muito poucas. Já em tarefas de evocação livre, as diferenças são mais evidentes, uma vez que requerem mais processamento auto-iniciado e que a etapa da recuperação exige recriar o padrão de atividade que estava presente na codificação.

Os recursos atencionais, que por sua vez sofrem algumas alterações com o envelhecimento, desempenham um papel fundamental no processamento auto-iniciado. Os adultos idosos parecem ser mais propensos a deixarem-se guiar por pistas externas do que os mais jovens e isto acontece em tarefas de memória, em tarefas que requerem processamento perceptivo e em tarefas de ação direcionada para objetivos. O maior domínio do ambiente sobre a estrutura e o conteúdo do pensamento e do comportamento dos idosos parece estar vinculada a dificuldades na manutenção de representações cognitivas e à diminuição do controle interno, associado às alterações do córtex pré-frontal (Lindenberger & Mayr, 2014).

Milchgrub & Magen (2018) compararam o desempenho de 24 adultos jovens (20-34 anos) e 24 adultos idosos (65-84 anos) em tarefas de MT espacial, que consistiam na criação e recuperação de sequências espaciais. Os autores concluíram que os declínios decorrentes do envelhecimento no processamento auto-iniciado são similares aos declínios na MT espacial.

3.4 Compreensão da Linguagem

O processamento da linguagem em tempo real exige o recrutamento da MT. Esta tem vindo a ser apontada como possível causa de alguns decréscimos associados à compreensão verbal no envelhecimento (Rypma et al., 2001). A compreensão da linguagem está também dependente da capacidade de atenção e das FE, como vimos anteriormente, de acordo com a literatura, estas funções

encontram-se sujeitas a efeitos do envelhecimento (Beni, Borella, & Carretti, 2007). Existe também a evidência da atrofia em regiões neuronais envolvidas na linguagem. A preservação da compreensão poderá ser explicada por mecanismos compensatórios, através do recrutamento de outras zonas cerebrais (e.g., ativação bilateral de regiões frontotemporais) e neuroplasticidade que permitem a manutenção do desempenho (Tyler, Shafto, Randall, Wright, Marslen-Wilson, & Stamakis, 2010).

De acordo com Federmeier, Kutas, & Schul (2010), a compreensão verbal exige o acesso ao significado das palavras individuais e o conhecimento das regras sintáticas que governam as relações entre palavras nas frases. Segundo Ardila (2007), o desempenho dos adultos idosos tende a manter-se estável em tarefas de compreensão verbal, como por exemplo nos subtestes de vocabulário, semelhanças ou informação da WAIS-III. Em tarefas que envolvem compreensão de frases com estruturas sintáticas complexas os adultos mais velhos têm evidenciado algumas dificuldades (Peelle, Troiani, Wingfield, & Grossman, 2010).

Conforme Yoon, Campanelli, Goral, Marton, Eichorn, & Obler, (2015), os adultos idosos com melhor controle inibitório tendem a ter um desempenho semelhante ao dos jovens em tarefas de compreensão auditiva de frases complexas implausíveis, enquanto que os adultos idosos com um controle inibitório enfraquecido apresentam mais dificuldades na compreensão.

II Objetivos e Hipóteses

A presente investigação pretende estudar a manifestação do VA e identificar alguns dos processos cognitivos envolvidos na produção deste viés, entre os adultos mais velhos, em dois tipos de instrumentos de avaliação psicológica: IAES e IAC.

Apresentam-se abaixo os objetivos detalhados deste estudo, e definem-se para cada um deles as previsões deriváveis das duas

teorias explicativas do VA que aqui estamos a considerar.

1. Averiguar se a presença de indivíduos que evidenciam VA é uma característica da população idosa, com manifestação nos IAES e nos IAC.

1.1. De acordo com a teoria do processamento dual, o VA deverá manifestar-se nos IAES mas não nos IAC, uma vez que apenas nos primeiros está em causa a compreensão de cada um dos itens do instrumento, sendo portanto renovadamente possíveis ao longo de todo o instrumento fracassos na transição do estágio intuitivo para o estágio deliberativo na seleção da resposta. Nos IAC, a compreensão de todos os itens é assegurada pelas próprias instruções iniciais, que definem claramente o significado da resposta positiva e negativa para todos os itens da tarefa.

1.2. De acordo com a hipótese do viés de alcançabilidade, a tendência para aquiescer deveria emergir sempre que ocorresse incompreensão do item ou ignorância/dúvida relativamente à resposta a dar. Nessas ocasiões, a resposta supletiva seria a mais “alcançável”. Uma vez que a situação de não saber ou não estar certo da resposta ocorrerá frequentemente em IAC, deverá ser possível observar um VA também neste tipo de instrumentos, traduzido numa prevalência dos erros por falso alarme sobre os erros por omissão, em provas em que a resposta positiva é referida em primeiro lugar nas instruções, como nas tarefas de memória de reconhecimento, bem como em testes em que a resposta positiva surge primeiro nas folhas de registo, como na Pesquisa de Símbolos (PSW) (WAIS-III; Wechsler, 2008a).

2. Averiguar se a modalidade de resposta “sim/não” ou “concordo/discordo” afeta o VA nos IAES.

2.1. De acordo com a teoria do processamento dual, o VA deverá estar mais presente nos IAES quando a modalidade de resposta disponível é “sim/não” do que quando essa modalidade é “concordo/discordo”. Isto porque esta última modalidade é explicitamente indutora da passagem para o segundo estágio de

processamento: para corresponder ao pedido de afirmar se concorda ou discorda com o conteúdo de um item, o respondente deve formular um juízo sobre a aplicabilidade a si próprio do *output* do primeiro estágio.

2.2. De acordo com a hipótese do viés de alcançabilidade, a modalidade de resposta não deverá afetar a incidência do VA, uma vez que, em qualquer das modalidades, se tratará de optar, nas situações de incompreensão ou dúvida, pela resposta mais “alcançável”, isto é, aquela que surge em primeiro lugar na grelha de respostas.

3. Identificar processos cognitivos subjacentes à emergência do VA.

3.1. De acordo com a teoria do processamento dual, uma vez que a resposta “negativa” aos itens dos IAES depende da passagem a um estágio de processamento deliberativo, com a inibição do *output* do estágio intuitivo inicial (correspondente à aceitação automática do item como verdadeiro) e com a condução controlada dos passos de processamento conducentes à validação ou desafiliação da aceitação do item, o desempenho em tarefas envolvendo processos executivos deverá ser preditor da resistência ao VA, em particular quando esses processos são mobilizados ao serviço da reconsideração de opções anteriores. Por ordem decrescente da intervenção de processos de reconsideração, as provas com componente executiva dominante na bateria administrada são: o subteste Cubos (CW) (WAIS-III; Wechsler, 2008a), o Trail Making Test B (TMT B) (Reitan & Wolfson, 1993; Cavaco et al., 2013) e a Tarefa de Ordenação de Meses (TOM) (Almor, 1999; Buekenhout, 2015), que constituiriam então os melhores preditores da resistência ao VA. As repetições de respostas negativas não deverão ser explicadas pela mesma configuração de preditores.

3.2. De acordo com a hipótese do viés de alcançabilidade, a

resposta afirmativa é a resposta supletiva em situações de incompreensão do item ou ignorância da resposta, por ser habitualmente a mais “alcançável” fisicamente (e.g., a que é apresentada em primeiro lugar). Assim, o melhor preditor da resistência do VA deverá ser aquele mais se relaciona com a capacidade de compreensão dos itens dos IAES, que será na bateria utilizada a TOM, a medida de MT verbal.

III – Método

Nesta secção descrevemos a amostra utilizada neste estudo. De seguida, apresentamos uma breve descrição das medidas das variáveis utilizadas, apresentando posteriormente o procedimento de recolha de dados. Por fim, são detalhados os procedimentos estatísticos utilizados na análise dos dados.

Participantes

A amostra utilizada foi de conveniência, composta inicialmente por 37 participantes da comunidade, no entanto, apenas os dados de 32 participantes foram analisados após as exclusões. Estes 32 participantes efetivos (26 mulheres e 6 homens) tinham idades compreendidas entre os 65 e os 80 anos ($M = 70.69$; $DP = 4.12$). Os participantes integraram quatro condições distintas de aplicação dos instrumentos (ver secção plano de estudo), tendo as faixas etárias 65 a 70, 71 a 76 e 77 a 80 anos sido distribuídas de forma equitativa, tanto quanto possível, pelas quatro condições. Um procedimento análogo foi adotado relativamente ao nível de escolaridade (ensino primário; ensino básico; ensino secundário; ensino superior).

Estabelecemos como critérios de inclusão: escolaridade formal mínima de 4 anos; acuidade visual e auditiva normais, ou corrigidas para normal. Os critérios de exclusão incluíram: história de traumatismo craniano ou acidente vascular; suspeita de declínio cognitivo; esforço insuficiente; presença de patologia neurológica ou

psiquiátrica. Para a verificação dos critérios de exclusão aplicámos uma entrevista estruturada adaptada (Sousa e Silva, Silva, & França, 2009) a partir da CAMDEX-R (Roth Huppert, Montjoy, & Tym, 1998) e CANE (Orrell & Hancock, 2004); e utilizámos ainda o instrumento de rastreio cognitivo *Avaliação Cognitiva de Addenbrooke- Revista* (ACE-R; Hodge & Mioshi, 2005; Firmino, Simões, Pinho, Cerejeira, & Martins, 2008). No ACE-R o ponto de corte utilizado foi de 79 pontos (Simões et al., 2015) e no teste de esforço insuficiente, (Rey-15 Item), utilizámos o ponto de corte de 6 pontos na prova de reconhecimento imediato e o ponto de corte de 18 pontos no resultado combinado (Simões et al., 2010). Utilizámos a GDS, para averiguar a presença de sintomatologia depressiva, foram excluídos participantes com pontuações superiores a 11 pontos (Pocinho, Farate, Dias, Lee, & Yesavage, 2009).

Foram excluídos: 2 participantes por presença de sintomatologia depressiva; 1 participante por esforço insuficiente e 2 participantes desistiram.

Três dos participantes foram excluídos das análises de regressão, dois por terem valores extremos nas distâncias de Cook (e superiores ao critério $4/n$), e um foi excluído por ter um *leverage* superior ao critério $[2(k+1)]/n$. Assim, após as exclusões, dos 37 participantes iniciais somente foram analisados os dados de 32 sujeitos, sendo que nas análises de regressão analisámos apenas os dados de 29 participantes.

Procedimentos de Recolha de Dados

Os dados recolhidos para a presente investigação foram obtidos através da aplicação de uma bateria de avaliação composta por IAES (auto-apreciação de estados emocionais e de sintomas de problemas cognitivos) e de desempenho cognitivo. Dividimos a avaliação em duas sessões, cada uma com a duração aproximada de 1 hora e 30 minutos. O intervalo de tempo entre as duas sessões não

excedeu os 5 dias. Num primeiro momento foram explicados os procedimentos gerais da investigação e foi solicitada a leitura e assinatura de um documento de consentimento informado. Nos IAES foi pedido aos sujeitos que se reportassem à última semana.

Instrumentos de Avaliação

a) Escala de Depressão Geriátrica – 30 itens (Geriatric Depression Scale: GDS-30) (Yesavage et al., 1983; Simões & Firmino, 2013). A GDS-30 é um questionário breve de 30 itens, alusivos à última semana. Permite averiguar sintomas afetivos e comportamentais da depressão. O seu formato original de resposta binária, do tipo “sim/não”, tem uma pontuação máxima de 30 pontos. Este instrumento destina-se particularmente à população geriátrica. No nosso estudo utilizámos também uma versão com modalidade de resposta “concordo/discordo” (Anexo 1).

b) Escala de Depressão Geriátrica- 30 itens - versão com itens invertidos. Nesta versão, procedemos à inversão de todos os 30 itens da escala GDS-30. Assim, os itens apresentados na versão original no sentido direto, apresentam-se nesta versão no sentido negativo, e vice-versa. Utilizámos também uma versão de resposta circunscrita a “concordo/discordo” (Anexo 1).

c) Questionário de Queixas Subjetivas de Memória (QQSM) (Subjective Memory Complaints Questionnaire: SMCQ) (Youn et al., 2009). Este questionário de resposta “sim/não”, destinado à população geriátrica, composto por 14 itens que averigam as queixas de memória (gerais e específicas) e a metacognição. Utilizámos ainda uma versão com resposta delineada a “concordo/discordo” (Anexo 2).

d) Questionário de Queixas Subjetivas de Memória- versão com itens invertidos. Conta com os 14 itens do QQSM apresentados no sentido inverso. Utilizamos uma versão com modalidade de resposta “sim/não” e outra versão com “concordo/discordo” (Anexo 2).

e) Inventário de Ansiedade Geriátrica (Geriatric Anxiety Inventory: GAI) (Pachana et al., 2007; Ribeiro, Paúl, Simões, & Firmino, 2011). O GAI é um inventário destinado a apurar sintomatologia ansiosa em adultos idosos. É composto por 20 itens, todos no sentido positivo, de resposta circunscrita a “concordo ou discordo”, alusivas à última semana. Utilizamos também uma versão com modalidade de resposta “sim/não” (Anexo 3).

f) Inventário de Ansiedade Geriátrica- versão com os itens invertidos. Esta versão é composta pelos 20 itens da versão original, apresentadas no sentido negativo. Foram utilizadas duas variantes, uma de resposta circunscrita a “concordo/discordo” e outra a “sim/não” (Anexo 3).

g) Trail Making Test A e B (TMT A e B) (Reitan & Wolfson, 1993; Cavaco et al., 2013). É um teste composto por duas partes. A Parte A permite-nos avaliar a atenção, o controlo psicomotor e a velocidade de processamento. A Parte B avalia a capacidade de atenção dividida, o controlo inibitório, a MT e as FE, mais especificamente a flexibilidade cognitiva, visto que há uma alternância entre duas tarefas. Para além dos tempos de conclusão de ambas as partes do teste, são utilizadas pontuações derivadas. Assim, os cálculos dos índices B-A, B/A e B-A/A são usados para remover da parte B a componente de velocidade de processamento avaliada pela parte A. Estes resultados são descritos como medidas mais precisas das FE em relação às medidas diretas. Para a sua interpretação são usadas pontuações ajustadas ao sexo, à idade e à escolaridade.

h) Subteste Código (WAIS-III; Wechsler, 2008a). Este subteste integra o índice de velocidade de processamento da WAIS-III. Realizámos a tarefa de codificação, que consiste na apresentação de uma chave constituída por nove números que estão associados a nove símbolos diferentes. De acordo com esta chave o examinando deverá preencher os campos em branco que se encontram por baixo de cada número com o símbolo equivalente, durante 120 segundos, sendo que a pontuação obtida é igual ao número de itens preenchidos corretamente neste intervalo de tempo. A interpretação deste subteste é feita de acordo com as normas de aferição para a população portuguesa, por idade.

i) Subteste Pesquisa de Símbolos (PSW) (WAIS-III; Wechsler, 2008a). É um subteste que integra o índice de velocidade de processamento da WAIS-III e que permite avaliar a organização visual. Este subteste é composto por 60 itens compostos por dois grupos de símbolos. O sujeito terá que verificar se no grupo 2 existe algum símbolo que pertence ao grupo 1 e selecionar a resposta “sim/não”, num tempo limite de 120 segundos. A cotação deste equivale ao número de respostas corretas menos o número de respostas incorretas. A interpretação deste subteste é feita de acordo com as normas de aferição para a população portuguesa, por idade.

j) Subteste Cubos (CW) (WAIS III; Wechsler, 2008a). Trata-se de uma medida da função executiva, que explora a capacidade de organização perceptiva, raciocínio abstrato e capacidade visuo-constructiva. Esta tarefa exige a manipulação de material concreto, que o sujeito integre estímulos visuais e empregue estratégias de resolução de problemas. Neste subteste o sujeito terá que reproduzir com os cubos 14 padrões apresentados como modelos, durante um tempo limite, estipulado em cada nível. A pontuação máxima deste teste é de 68 pontos e é interpretada de acordo com as normas de aferição para a

população portuguesa, por idade.

l) Tarefa de Ordenação de Meses (TOM) (Almor, 1999; Buekenhout, 2015). Trata-se de uma prova de MT verbal. O examinador pede ao sujeito que ordene cronologicamente meses do ano, apresentados verbalmente fora da sua ordem cronológica, em cinco níveis consecutivos de dificuldade (ordenar 2, 3, 4, 5 ou 6 meses), contendo cada nível 4 ensaios. A pontuação máxima deste teste é de 20 pontos.

m) Listas de Palavras I e II (LP I e LP II) (WMS-III; Wechsler, 2008b). Avalia a capacidade de aprendizagem, atenção, retenção e memória episódica verbal; na LP I, o teste consta da apresentação verbal e de uma lista (A) composta por 12 palavras, ao longo de 4 ensaios, cada um deles é seguido de uma tarefa de evocação livre. De seguida é apresentada uma nova lista (B) com 12 palavras e a respetiva tarefa de evocação. Por fim é pedido ao sujeito que evoque as palavras da primeira lista (A). Após 25 a 35 minutos, na LP II, é realizada a tarefa de evocação diferida da lista A. Depois, segue-se a prova de reconhecimento (de resposta tipo “sim/não”), nesta prova são apresentadas 24 palavras, sendo que o sujeito terá que reconhecer as 12 palavras que foram apresentadas na lista A. A interpretação do teste é feita de acordo com as normas aferidas para a população portuguesa de acordo com a sua faixa etária. Este subteste permite-nos calcular: a pontuação total da primeira evocação (LP I-1ªEV), a pontuação total de evocação (LP I-ET); o cálculo da evolução da aprendizagem (LP I-CEA); o cálculo contraste 1 (diz respeito à pontuação da evocação do primeiro ensaio menos a pontuação da evocação livre da lista B); o cálculo do contraste 2 (pontuação da evocação do ensaio 4 da Lista A menos a pontuação da evocação de curto prazo); a percentagem de retenção (LP II-PR); a pontuação total da evocação diferida (LP II-ET) e por fim, a

pontuação total do subteste de reconhecimento (LP II-R).

Plano do Estudo

1. Medida do Viés de Aquiescência nos Instrumentos de Avaliação dos Estados Subjetivos

Os participantes responderam a duas versões (uma com os itens normais e outra com os itens invertidos) dos questionários (GDS-30, GAI e QQSM). A inversão dos itens dos questionários consiste na criação de uma versão antagônica desses itens (e.g., sinto-me com energia *versus* sinto-me sem energia). A inversão dos itens permite-nos comparar as respostas dadas nos itens invertidos com as respostas dadas nos itens normais/no sentido direto. Aqui interessou-nos verificar se houve repetição de respostas positivas, sendo a contagem destas repetições o índice de VA.

2. Medida do Viés de Aquiescência nos Instrumentos de Avaliação Cognitiva

Com o intuito de verificarmos se o VA ocorre nos IAC procedemos à aplicação do PSW de resposta “sim/não” em suporte escrito, e do LP II-R, com respostas orais circunscritas também a “sim/não”. Como medida do VA nos IAC, comparámos a proporção dos erros por falso alarme (responder “sim” quando a respostas certa é “não”) com a dos erros por omissão (responder “não” quando a resposta certa é “sim”).

3. Efeito da Modalidade de Resposta

De forma a verificar se existe efeito da modalidade de resposta sobre o viés em questão, foram efetuadas alterações na modalidade de resposta nos IAES. Assim, existem quatro versões para cada questionário: uma versão com opção de resposta “sim/não”, no sentido direto; uma versão de resposta “sim/não” com os itens invertidos; uma versão de resposta “concordo/discordo” no sentido

normal; e por fim, uma versão “concordo/discordo” com os itens invertidos.

4. Controlo de variáveis parasitas

Criámos dois grupos (A e B). Cada grupo é constituído por 16 sujeitos. No grupo A, na primeira sessão, foram administrados os questionários no sentido normal, com as versões de resposta “sim/não” a 8 participantes e as versões de escolha “concordo/discordo” aos 8 restantes. Subsequentemente, na segunda sessão de avaliação, procedemos à aplicação destes questionários com os itens invertidos. No grupo B, na primeira sessão, administrámos os questionários em ordem invertida e na segunda sessão em ordem normal. Aplicámos a versão de resposta “sim/não” a 8 indivíduos e a versão “concordo/discordo” a outros 8 sujeitos. Com isto, pretendemos eliminar o efeito da ordem de aplicação dos IAES.

Procedimentos Estatísticos

O tratamento estatístico dos dados recolhidos, do presente estudo foi efetuado através do *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) versão 22 para Windows.

1. O teste binomial foi utilizado para identificar os participantes com um número significativo de repetições de respostas afirmativas na segunda aplicação dos IAES (VA), bem como para a identificação dos participantes que apresentavam um número significativo de repetições de respostas negativas (RRN). Os testes de funcionamento cognitivo presentes na bateria que potencialmente poderiam revelar efeitos de VA (PSW e LP II-R) foram também objeto de análise, usando a diferença entre a proporção de erros por falso alarme e por omissão como indicador do VA. Foi utilizado o teste *t* para amostras emparelhadas para verificar se os erros por falso alarme seriam superiores aos erros por omissão em cada um dos dois testes referidos.

2. Uma ANOVA foi realizada para averiguar o impacto da modalidade de resposta dos IAES (“sim/não” vs. “concordo/discordo”) sobre o VA.

3. Foi realizada uma regressão hierárquica tendo como variável critério o número de repetições de respostas nos IAES, para verificar quais das medidas de funcionamento cognitivo revelavam ser as melhores preditoras do VA (número de repetições de respostas positivas). Foi também planeada uma regressão hierárquica para verificar se esses preditores se comportavam da mesma forma relativamente ao número de RRN. As variáveis preditoras utilizadas nas regressões hierárquicas foram selecionadas tendo em conta os coeficientes de correlação r de Pearson entre as medidas da bateria com relevância para este estudo e o índice de VA. Regressões múltiplas simultâneas com as variáveis preditoras selecionadas foram utilizadas para determinar a ordem de introdução desses preditores nas regressões hierárquicas, onde foram ordenados por ordem decrescente do valor absoluto do β previamente obtido. Planeámos também duas regressões hierárquicas para os IAC (utilizando os mesmos preditores que para as suas congéneres realizadas para os IAES), antecedidas cada uma delas por uma regressão múltipla simultânea para determinar a ordem de introdução dos preditores. As variáveis critério que distinguiram os dois grupos de análises foram: a diferença entre erros por falso alarme e erros por omissão no subteste de PSW e a diferença entre erros por falso alarme e por omissão no teste LP II-R.

Todas as variáveis que apresentavam distribuições significativamente distintas da distribuição normal foram transformadas. Para reduzir a assimetria positiva aplicámos a transformação logarítmica às variáveis: contagem de respostas positivas mantidas, contagem de respostas negativas mantidas, contagem de erros de falso alarme e por omissão do PSW, contagem de erros falsos positivos e por omissão da LP II-R e o PSW. Na proporção de acertos na TOM, procedemos à transformação

arcossénica de maneira a reduzir os efeitos indesejáveis da proporcionalidade entre média e desvio padrão. Utilizou-se a seguinte fórmula para obter a variável transformada: $(360/(2*3.14159)) * (\text{ARSIN}(\text{SQRT}(\text{Proporção de acertos na TOM})))$.

Para a interpretação das correlações entre as variáveis em estudo quanto à sua magnitude dos r 's e d de Pearson, seguimos os critérios de Cohen (1988) ($r \geq .10$ pequena; $r \geq .30$ moderada; $r \geq .50$ elevada).

O critério utilizado para rejeitar a hipótese nula em todos os testes estatísticos foi $p < 0.05$.

IV-Resultados

1. Repetições de respostas positivas nos Instrumentos de Avaliação de Estados Subjetivos

1.1 Determinação do número de participantes que apresentam viés de aquiescência

Trinta e dois testes binomiais foram realizados, um para cada participante, comparando a proporção observada de repetições de respostas “sim/concordo” na segunda aplicação dos questionários com a proporção dessas repetições admissível como resultado do acaso. Foram tidas em conta as respostas a todos os itens dos três IAES (64 itens). Optou-se por tomar como número de repetições justificável como resultado do acaso o número observado para o participante com menos ocorrências de repetições de respostas. Para as repetições de respostas positivas esse número foi zero, tendo sido dois para as RRN. No sentido de garantir uniformidade no tratamento dos dados relativos às repetições de respostas positivas e negativas, optou-se por admitir em ambos os casos duas repetições como justificáveis pelo acaso. Dezanove dos 32 participantes apresentaram uma proporção de repetições de respostas positivas significativamente superior a 2/64 (0.03). Admitimos então serem os 19 participantes assim identificados

aqueles que apresentaram um VA significativo nos IAES.

O teste binomial foi novamente utilizado para verificar se o número de participantes que evidenciaram VA seria significativamente superior a zero na amostra total. O resultado deste teste revelou que a proporção observada de participantes que evidenciaram VA (0.59) é significativamente diferente de zero ($p < 0.001$).

1.2 Efeito da modalidade de resposta sobre o viés de aquiescência

Quadro 1

Estatísticas descritivas das proporções de respostas positivas mantidas na segunda aplicação dos IAES, de acordo com a modalidade de resposta no grupo sem VA e no grupo com VA

	Grupo Sem Viés de Aquiescência			Grupo com Viés de Aquiescência		
	N	M	DP	N	M	DP
S/N	5	.05	.01	11	.11	.04
C/D	8	.04	.02	8	.14	.04
Total	13	.04	.02	19	.12	.04

Nota. N=Total da amostra. M=Média. DP=Desvio-padrão. S/N= modalidade de resposta “sim/não”. C/D= modalidade de resposta “concordo/discordo”.

Utilizámos uma ANOVA 2x2 para averiguar o efeito da modalidade de resposta sobre o VA nos IAES, isto é, se em “sim/não” ou em “concordo/discordo” emergiu um VA mais vincado/atenuado. No Quadro 2 apresentam-se os resultados relativos à ANOVA com os fatores grupo com/sem VA e modalidade de resposta (“sim/não” vs. “concordo/discordo”) e a variável dependente número de respostas positivas mantidas na segunda aplicação dos IAES.

Quadro 2
ANOVA com os fatores grupo com viés/sem viés) e modalidade de resposta (“sim/não” ou “concordo/discordo”) e a variável dependente número de respostas positivas mantidas na segunda aplicação dos IAES

Fonte	Soma dos Quadrados	Gl	Média Quadrática	F	Eta Quadrado Parcial
Grupo c/s VA	1,25	1	1,25	52,29***	0.65
Modalidade de resposta	0.01	1	0.01	0.41	0.01
Grupo c/s VA * Modalidade de resposta	0.08	1	0.08	3,32*	0.11
Erro	0.669	28	.024		

Nota. VA= viés de aquiescência * $p < 0.1$ (tend. sig.) ** $p < 0.05$ e *** $p < 0.001$.

A ANOVA fatorial identifica como significativo o efeito da variável grupo c/s VA [$F(1, 28) = 52,29, p < 0.001$], como teria que acontecer, já que o número de respostas positivas dadas por cada participante foi precisamente o critério para a constituição destes grupos. O efeito principal da variável modalidade de resposta não foi significativo. No entanto, o efeito da interação entre estas variáveis revelou-se tendencialmente significativo [$F(1, 28) = 3,32, p = .079$]. As comparações univariadas de seguimento a esta interação revelaram que, no grupo sem VA, ocorreram mais repetições de respostas positivas quando a modalidade de resposta foi “sim/não” ($M = 0.05$; $DP = 0.01$) do que quando foi “concordo/discordo” ($M = 0.04$; $DP = 0.02$) ($p = .124, n.s.$), passando-se o contrário no grupo com VA (“sim/não”: $M = 0.11$; $DP = 0.04$; “concordo/discordo”: $M = 0.14$; $DP = 0.04$) ($p = .357, n.s.$). Em ambos os grupos o efeito simples da modalidade de resposta não foi significativo, aproximando-se no entanto essa diferença da tendência para significância no grupo sem VA.

1.3 Correlações entre as variáveis em estudo

A análise das correlações (Anexo 4) entre as 19 variáveis em estudo evidenciou 33 correlações estatisticamente significativas.

Iremos debruçar-nos essencialmente sobre as correlações entre as variáveis critério e as variáveis preditoras.

A contagem de respostas positivas mantidas na segunda aplicação dos IAES apresenta: uma correlação estatisticamente significativa, de magnitude moderada, no sentido negativo com o CW ($r = -.46, p = .012$); uma correlação estatisticamente significativa de magnitude moderada, no sentido negativo com a LP I-ET ($r = -.48, p = .008$); uma correlação estatisticamente significativa de magnitude elevada, no sentido negativo com a LP II-PR ($r = -.50, p = .006$); e uma correlação estatisticamente significativa, de magnitude elevada, no sentido negativo com a LP II-ET ($r = -.51, p = .005$).

A contagem de RRN segunda aplicação dos IAES apresenta: uma correlação estatisticamente significativa, de magnitude moderada, no sentido negativo com a LP I-CEA ($r = -.41, p = .028$).

A diferença entre a proporção de erros por falso alarme e por omissão do PSW apresenta uma correlação estatisticamente significativa, de magnitude moderada, no sentido positivo com o PSW ($r = .38, p = .043$); uma correlação estatisticamente significativa, de magnitude moderada no sentido negativo com a LP I-CEA ($r = -.43, p = .020$); e uma correlação estatisticamente significativa de magnitude elevada, no sentido positivo com a LP I-1ªEV ($r = .53, p = .003$).

A diferença entre a proporção de erros por falso alarme e por omissão do LP II-R, apresenta uma correlação estatisticamente significativa, de magnitude moderada, no sentido positivo com a LP I-CEA ($r = .41, p = .027$); e uma correlação estatisticamente significativa, de magnitude moderada, no sentido positivo com a LP II-R ($r = .43, p = .021$).

De acordo com a recomendação de garantir 5 a 10 participantes por cada preditor numa análise de regressão (cf. Afifi, Clark, & May, 2004), seleccionámos, tendo em conta as considerações

teóricas e os resultados das análises correlacionais anteriormente descritas, seis variáveis preditoras. Do elenco de variáveis, retivemos o CW, que se correlacionou com elevada magnitude com os indicadores de VA nos IAES, bem como a LP II-PR, que selecionámos para representar os resultados dos restantes testes correlacionados com o indicador de VA nos IAES, além do CW, todos eles sugestivos de uma relação entre o VA e a capacidade de formação de memórias episódicas a longo prazo: LP I-ET e LP II-ET. A elevada magnitude das correlações entre LP II-PR e os restantes índices extraídos do teste LP I e II atestam a adequação da nossa escolha. Selecionámos ainda o índice TMT (B-A), em que a velocidade de processamento medida na parte A do teste é retirada da parte B (isolando a componente executiva) e que é necessária a gestão da alternância entre dois critérios de organização do “trail” (Christidi, Kararizou, Triantafyllou, Anagnostouli, & Zalonis, 2015). Esta opção justifica-se porque as previsões que derivámos da teoria do processamento dual implicam o envolvimento de controlo executivo auto-iniciado na passagem para o estado deliberativo da seleção de uma resposta, e porque este índice de função executiva não se correlaciona com o outro também selecionado, proporcionado pelos resultados do CW. Os resultados na LP I-1ªEV fornecem um índice da capacidade de memória imediata, um componente importante no processo de compreensão linguística, e, nessa medida, potencialmente envolvido, por défice, no VA de acordo com a hipótese do viés de alcançabilidade. O mesmo se passa com os resultados da TOM, que nos facultam um índice da capacidade de MT verbal.

1.4 Análise de Regressão Múltipla para as respostas positivas mantidas nos Instrumentos de Avaliação de Estados Subjetivos

Efetuámos uma análise de regressão múltipla simultânea para determinar qual a magnitude da variação do indicador de VA nos

IAES associada a uma variação fixa de cada um dos preditores considerados, quando todos os outros são mantidos constantes, expressa pelos valores dos coeficientes β no Quadro 3.

Quadro 3
Regressão múltipla simultânea para os preditores cognitivos com o critério respostas positivas mantidas na segunda aplicação dos IAES (N=29)

Preditores	Viés de Aquiescência		
	B	Erro Padrão de B	β
TMT (B-A)	0.00	0.02	.04
LP I-1ªEV	- 0.01	0.02	- .12
LP II-PR	- 0.06	0.03	-.40*
CW	- 0.06	0.03	-.47*
PSW	- 0.64	0.33	-.39
TOM	0.02	0.01	.52*
R ²	.492		
F	3.558*		

Nota. TMT(B-A)= *Trail Making Test (B-A)*. LP I -1ªEV= *Lista de Palavras I- 1ªevocação da WMS-III*. LP II-PR= *Lista de Palavras II-percentagem de retenção da WMS-III*. CW= *subteste Cubos da WAIS-III*. PSW = *subteste Pesquisa de Símbolos da WAIS-III*. TOM= *Tarefa de Ordenação de Meses*. * $p < 0.05$. ** $p < 0.01$ e *** $p < 0.001$.

1.4.1 Medidas de desempenho cognitivo preditivas da magnitude do viés de aquiescência

No sentido de se compreender a forma como a exclusão da variabilidade explicada por cada preditor afeta a variabilidade explicada pelos restantes preditores no modelo de regressão simultânea apresentado no Quadro 3, realizámos uma análise de regressão hierárquica. Nesta análise a introdução dos preditores foi feita por ordem decrescente do valor do respetivo β na regressão simultânea. Pudemos assim observar a medida em que o poder explicativo dos melhores preditores do modelo simultâneo dependia do controlo da variabilidade explicada pelos preditores que imediatamente lhes sucediam em poder explicativo. Deste modo, para as respostas positivas mantidas na segunda aplicação dos IAES, a

Avaliação de estados emocionais e sintomas cognitivos em adultos idosos: estudo do viés de aquiescência em instrumentos de escolha dicotómica
Nídia Franco (e-mail:nidiah_f@hotmail.com)

ordem de introdução dos preditores na análise de regressão hierárquica foi a seguinte: TOM; CW; LP II- PR; PSW; LP I- 1ª EV; TMT (B-A). Os seis modelos resultantes do processo hierárquico de introdução dos preditores encontram-se resumidos no Quadro 4, e são discutidos adiante.

1.4.2 Análises de Regressão Hierárquica para as respostas positivas mantidas nos Instrumentos de Avaliação dos Estados Subjetivos

Quadro 4

Sumário da regressão hierárquica para as respostas positivas mantidas na segunda aplicação dos IAES (N=29)

Modelo	R ²	R ² Ajustado	ΔR^2	Erro Padrão	GI	F
1	0.00	-0.04	0.00	0.26	27	0.03 a
2	0.23	0.17	0.23**	0.23	26	3.95* b
3	0.38	0.31	0.15*	0.21	25	5.15** c
4	0.48	0.40	0.10*	0.20	24	5.58** d
5	0.49	0.38	0.01	0.20	23	4.45** e
6	0.49	0.35	0.00	0.20	22	3.56* f

Nota. Preditores incluídos nos modelos: a Tarefa de Ordenação de Meses. b Tarefa de Ordenação de Meses e subteste de Cubos da WAIS-III. c Tarefa de Ordenação de Meses, subteste Cubos da WAIS-III e Lista de Palavras II- percentagem de retenção da WMS-III. d Tarefa de Ordenação de Meses, subteste Cubos da WAIS-III, Lista de Palavras II-percentagem de retenção da WMS-III e subteste Pesquisa de Símbolos da WAIS-III. e Tarefa de Ordenação de Meses, subteste Cubos da WAIS-III, Lista de Palavras II-percentagem de retenção da WMS-III, subteste Pesquisa de Símbolos da WAIS-III e Lista de Palavras I- 1ª evocação da WMS-III. f Tarefa de Ordenação de Meses, subteste Cubos da WAIS-III, Lista de Palavras II- percentagem de retenção da WMS-III, subteste Pesquisa de Símbolos da WAIS-III, Lista de Palavras I- 1ª evocação da WMS-III e TMT (B-A).

* $p < 0.05$. ** $p < 0.01$ e *** $p < 0.001$.

Variação do β da medida de Memória de Trabalho

No primeiro modelo o valor de R^2 é 0.001 [$F(1,27) = 0.03$, $p = .865$, *n.s.*], o que significa que a MT, tal como medida pela TOM, explica 0.1% da variância no índice de VA (número de respostas positivas mantidas), não sendo esta uma porção significativa da variância deste índice. O preditor TOM explica já uma fração

significativa dessa variância no modelo 4 ($\beta = .48, p = .019$), com a introdução das variáveis: CW, LP II-PR e PSW. Assim sendo, quando controlados os contributos dos processos medidos pelas novas variáveis introduzidas, o aumento de uma unidade na medida de MT resulta num aumento de .48 unidades na variável critério. O preditor TOM apresenta-se significativo no modelo 5 ($\beta = .52, p = .017$) com a introdução das novas variáveis: CW, LP II- PR, PSW e LP I- 1ªEV. O preditor TOM mantém-se significativo no modelo 6 ($\beta = .52, p = .020$), com a introdução da variável TMT (B-A).

Varição do β da medida de funcionamento executivo visuo-espacial

No segundo modelo, quando o CW é incluído, o valor de R^2 aumenta significativamente [$F = 7.86 (1,26), p = .009$], passando neste modelo a ser explicada uma fração significativa da variabilidade no índice de VA, 23.3% [$F(2,26) = 3.95, p = .032$]. Neste modelo, o aumento de uma unidade no preditor CW determina uma diminuição de .5 no índice de VA ($\beta = -.50, p = .009$). O preditor CW mantém-se significativo nos modelos 4 ($\beta = -.58, p = .016$), 5 ($\beta = -.46, p = .014$) e 6 ($\beta = -.47, p = .019$), com a introdução das novas variáveis: PSW, LP I-1ªEV e TMT (B-A), respetivamente.

Varição do β da medida de codificação mnésica episódica de longo prazo

No terceiro modelo, quando é incluída a LP II-PR, a nossa medida da codificação mnésica episódica de longo prazo, o valor de R^2 aumenta significativamente, em 14.9% relativamente ao modelo anterior [$F = 6.03 (1,25), p = .021$], continuando neste modelo a ser explicada uma fração significativa da variabilidade no índice de VA, 38.2% [$F(3,25) = 5.15, p = .007$]. Neste modelo, o aumento de uma unidade no preditor LP II-PR determina uma diminuição de .43 no

índice de VA ($\beta = -.43, p = .021$). O preditor LP II-PR mantém-se significativo nos modelos 4 ($\beta = -.46, p = .010$), 5 ($\beta = -.40, p = .041$) e 6 ($\beta = -.40, p = .049$) com a inserção das respectivas variáveis.

Variação do β da medida de velocidade de processamento

No quarto modelo, quando inserimos a variável PSW, a nossa medida de velocidade de processamento, o valor de R^2 aumenta significativamente, em 10% relativamente ao modelo anterior [$F = 4.62 (1,24), p = .042$], continuando neste modelo a ser explicada uma fração significativa da variabilidade no índice de VA, 48.2% [$F(4,24) = 5.58, p = .003$]. Neste modelo, o aumento de uma unidade no preditor PSW determina uma diminuição de .39 unidades no índice de VA ($\beta = -.39, p = .042$).

Variação do β da medida de codificação mnésica de curto prazo

No modelo 5, ao introduzirmos os resultados da LP I-1ªEV, a nossa medida da codificação mnésica de curto prazo, o valor de R^2 aumenta em 1% relativamente ao modelo anterior [$F = 0.44 (1,23), p = .515, n.s.$], continuando neste modelo a ser explicada uma fração significativa da variabilidade no índice de VA, 49.1% [$F(5,23) = 4.45, p = .006$]. Neste modelo, o aumento de uma unidade no preditor LP I-1ªEV determina uma diminuição de .13 unidades no índice de VA ($\beta = -.13, p = .515, n.s.$).

Variação do β da medida de flexibilidade cognitiva

No modelo 6, ao inserirmos os resultados do TMT (B-A), a nossa medida de flexibilidade cognitiva, o valor de R^2 aumenta em 0.01% relativamente ao modelo anterior [$F = 0.05 (1,22), p = .833, n.s.$], continuando neste modelo a ser explicada uma fração significativa da variabilidade no índice de VA, 49.2% [$F(6,22) = 3.56, p = .013$]. Neste modelo, o aumento de uma unidade no TMT (B-A) determina um aumento de .04 unidades no índice de VA ($\beta = .04, p = 0.833, n.s.$).

Em suma, o modelo 4, com os preditores TOM, CW, LP II-PR e PSW, é aquele que mais parcimoniosamente explica a maior porção de variância do índice de VA.

2. Repetições de respostas negativas nos Instrumentos de Avaliação dos Estados Subjetivos

2.1 Determinação do número de participantes que tendem a repetir respostas negativas

Tal como para as respostas positivas, trinta e dois testes binomiais foram realizados, um para cada participante. Foram tidas em conta as respostas a todos os itens dos três IAES (64 itens). Optou-se por tomar como número de repetições justificável como resultado do acaso o número observado para o participante com menos ocorrências de repetições de respostas. Para as RRN esse número foi dois. Vinte e um dos participantes, neste grupo de 32 apresentam uma proporção de RRN na segunda aplicação dos questionários, significativamente superior a 2 em 64 itens (0.031). Admitimos deste modo, serem os 21 dos participantes assim identificados aqueles que apresentam incidência significativa de RRN nos IAES neste grupo de 32.

O teste binomial foi mais uma vez utilizado para verificar se o número de participantes que evidenciaram a tendência para repetir respostas negativas seria significativamente superior a zero na amostra total. O resultado deste teste revelou que a proporção observada de participantes que evidenciaram tendência para repetir respostas negativas na segunda aplicação dos IAES (0.66) é significativamente diferente de zero ($p < 0.001$).

2.2 Medidas de desempenho cognitivo preditivas da tendência para repetir respostas negativas

Conforme já tínhamos mencionado anteriormente, interessou-nos verificar qual o comportamento dos preditores selecionados para o estudo dos processos cognitivos associados ao VA quando aplicados para explicar a variância nas RRN. Pretendemos desta forma esclarecer de forma detalhada se, como e em que medida, o VA poderá ser um tipo particular de um fenómeno mais geral que se traduz tanto na aceitação como rejeição de itens com significados antagónicos. No Quadro 5 é apresentada a regressão múltipla simultânea.

Quadro 5
Regressão múltipla simultânea para os preditores cognitivos com o critério respostas negativas mantidas na segunda aplicação dos IAES (N=29)

Preditores	Respostas Negativas Mantidas		
	B	Erro Padrão de B	β
TMT (B-A)	- 0.01	0.02	-.14
LP I-1ªEV	0.00	0.02	.05
LP II-PR	- 0.02	0.04	-.12
CW	0.00	0.03	.03
PSW	- 0.16	0.43	-.10
TOM	0.01	0.01	.16
R ²	.040		
F	0.155		

Nota. TMT(B-A)= *Trail Making Test (B-A)*. LP I-1ªEV= *Lista de Palavras I- 1ªevocação da WMS-III*). LP II-PR= *Lista de Palavras II-percentagem de retenção da WMS-III*. CW= *subteste Cubos da WAIS-III*. PSW= *subteste Pesquisa de Símbolos da WAIS-III*. TOM= *Tarefa de Ordenação de Meses*. * $p < 0.05$. ** $p < 0.01$ e *** $p < 0.001$.

Os resultados não foram estatisticamente significativos. A análise de regressão múltipla sugere que a RRN na segunda aplicação dos questionários depende de processos inteiramente distintos da repetição de respostas positivas. Deste modo, não realizámos a regressão

hierárquica que tínhamos planeado.

3. Viés de Aquiescência nos Instrumentos de Avaliação Cognitiva

Com o objetivo de verificarmos a ocorrência do VA, nos testes de avaliação de desempenho cognitivo passíveis de revelar esse efeito, tomámos a diferença entre a proporção de erros por falso alarme e por omissão como indicador de VA. Servindo a comparação que aqui estamos a fazer para verificar se a resposta “sim” é privilegiada relativamente à resposta “não” em situações de incerteza.

3.1. Diferença entre erros por falso alarme e erros por omissão no subteste Pesquisa de Símbolos da WAIS-III

Utilizámos o teste t para amostras emparelhadas com o objetivo de verificar se na nossa amostra os erros por falso alarme ($M = 0.35$; $DP = 0.39$) no PSW são superiores aos erros por omissão ($M = 0.65$; $DP = 0.39$). A diferença observada é tendencialmente significativa, $t(31) = -1.92$, $p = .064$, sugerindo que os erros por omissão poderão ser mais frequentes que os erros por falso alarme no PSW. Não se observaram indícios de VA no PSW, pelo que não realizámos as análises planeadas para estudar o VA neste subteste.

3.2 Diferença entre erros por falso alarme e erros por omissão no subteste de Reconhecimento da Lista de Palavras II da WMS-III.

Utilizámos novamente o teste t para amostras emparelhadas com o objetivo de verificar se os erros por falso alarme ($M = 0.21$; $DP = 0.08$) são superiores aos erros por omissão ($M = 0.79$; $DP = 0.08$). A diferença observada é estatisticamente significativa, $t(31) = -3.21$, $p = .003$, sugerindo que os erros por omissão são mais frequentes que os erros por falso alarme no LP II-R. Não se observaram indícios de

VA neste subteste. Deste modo, não foram efetuadas as análises planejadas para estudar o VA.

V – Discussão

O presente estudo teve três objetivos. O primeiro objetivo consistia em verificar a ocorrência do VA numa amostra constituída por adultos idosos. Observámos a manifestação do VA, fazendo-se corresponder a 59.4% dos participantes. Conforme o previsto na primeira hipótese (1.1), tendo em consideração a teoria do processamento dual, apenas verificámos a emergência do VA nos IAES, sendo que nos IAC não encontrámos indícios de VA. Estes resultados apontam para que o VA não se origine devido a um eventual problema de compreensão, em que o participante responderia “sim” por não saber o que responder. Uma tal circunstância surgiria tanto nos IAES como nos IAC. Assim, o problema teria mais plausivelmente origem na transição do estágio intuitivo para o estágio deliberativo tal como proposto pela teoria do processamento dual (Gilbert, 1991; Knowles & Condon, 1999).

No segundo objetivo, pretendíamos verificar a influência da modalidade de resposta sobre o VA nos IAES. Na primeira hipótese (2.1), conforme a teoria do processamento dual, seria expectável a maior prevalência do VA nos questionários de resposta “sim/não”, visto que a opção “concordo/discordo” poderá mais facilmente induzir à reconsideração dos itens. Na nossa segunda hipótese (2.2), de acordo com a hipótese do viés de alcançabilidade, a modalidade de resposta não influenciaria a incidência do VA. O presente estudo revelou uma interação tendencialmente significativa entre a modalidade de resposta e a pertença ao grupo que manifesta/não manifesta o VA. O efeito da modalidade de resposta não foi significativo no grupo com VA, mas aproximou-se de uma tendência para a significância estatística no grupo que não revelou VA, com uma menor incidência do viés na modalidade de resposta “concordo/discordo” do que na modalidade

“sim/não”. Tal sugere (de acordo com a hipótese 2.1), que a resistência ao VA se liga com a capacidade para aproveitar pistas suscetíveis de induzir uma reconsideração da aceitação inicial do item, que ocorreria no estágio de processamento intuitivo, facilitando a transição para o estágio deliberativo.

O terceiro objetivo deste estudo consistiu em investigar quais os processos cognitivos que poderiam estar relacionados com a ocorrência do VA. Conforme a teoria do processamento dual (hipótese 3.1), os melhores preditores seriam as provas que envolvem processos cognitivos executivos que são recrutados aquando do processo de reconsideração de uma resposta, como o CW, o TMT B e a TOM. Já de acordo com a hipótese do viés de alcançabilidade, o melhor preditor seria a TOM (hipótese 3.2).

Através das análises de regressão observámos que os melhores preditores do VA, com uma relação negativa com este, (por ordem decrescente de poder preditivo) foram as medidas de funcionamento executivo complexo (CW), de formação de memórias episódicas de longo prazo (LP II-PR) e de velocidade de processamento (PSW).

A variável CW apresenta um poder preditivo significativo, que favorece a hipótese (3.1). Esta tarefa apresenta-se como uma boa medida das FE e da organização perceptiva (Wechsler, 2008a). O bom desempenho nesta tarefa requer a capacidade de resolução de problemas e de tomada de decisão.

Também verificámos que a LP II-PR, ou seja, a medida de codificação mnésica de longo prazo, apresenta-se como um bom preditor do VA. Esta tarefa exige a mobilização da atenção e requer processamento auto-iniciado. Para um bom desempenho neste tipo de tarefas, o sujeito terá que utilizar estratégias de codificação. Depois, na fase da recuperação, é necessário que este recrie o padrão de atividade que estava presente da fase da codificação (Craik, 1983,1986, cit. in Unsworth, 2009). Este resultado é também congruente com a hipótese da teoria do processamento dual (3.1), o VA poderá resultar de uma

dificuldade em iniciar um novo estágio de processamento deliberativo/ analítico (Gilbert, 1991; Knowles & Condon, 1999).

O PSW, também revelou algum poder preditivo sobre o VA, assim uma menor velocidade de processamento poderá contribuir para a manifestação do VA. De acordo com Salthouse (1996), a redução na velocidade de processamento poderá prejudicar a cognição de nível superior. Este resultado vai também ao encontro da teoria do processamento dual (3.1).

O melhor dos preditores foi a medida de MT verbal (TOM) que, ao contrário dos restantes, se apresentou com uma relação positiva com o VA. No quarto modelo de regressão, em que este preditor se torna significativo após a introdução do CW, LP II-PR e PSW, observámos que quanto mais elevado o resultado na TOM, mais vincado é o VA. Por outras palavras, se retirarmos a porção de variabilidade do VA que é explicada pelo funcionamento executivo complexo, pela capacidade de formação de memórias episódicas de longo prazo, e pela velocidade de processamento, a relação desta variabilidade residual com a MT verbal é positiva e de magnitude elevada. Tal pode ser interpretado como uma indicação de que a MT verbal, enquanto sistema que contribui para uma boa compreensão dos itens (Baddeley, 2000; Just & Carpenter, 1992; Rypma et al., 2001), quando é examinada na sua relação com o VA, descontando os mecanismos que facilitam a reconsideração das respostas dadas aos itens, ou um processamento mais analítico destes, é um fator que favorece uma resposta positiva impulsiva, expressa sem que o estágio deliberativo seja atingido. No que respeita à dificuldade na compreensão dos itens decorrente de défices da MT verbal, pelo contrário, quando acompanhada de um bom nível de funcionamento executivo, de capacidade de criar uma representação mnésica estável do conteúdo dos itens e velocidade processamento, poderá induzir um maior investimento de controlo consciente no processamento dos itens em causa, favorecendo a passagem para o estágio deliberativo na

produção das respostas. Este resultado é explicitamente desfavorável às previsões derivadas da hipótese da alcançabilidade e só é interpretável à luz da teoria do processamento dual.

No presente estudo, constatámos também a existência de participantes que repetem respostas negativas na segunda aplicação dos IAES num número significativo de itens. Tal ocorre em 65.6% dos participantes. Verificámos que as medidas de funcionamento cognitivo que se revelaram preditoras do VA não se relacionaram com o número de RRN, o que é congruente com a nossa hipótese (3.1). Tal sugere que não existe um mecanismo comum subjacente aos dois tipos de repetições de respostas. Note-se que dar uma resposta negativa a um item na sua forma direta e na sua forma invertida não é, ao contrário da repetição de uma resposta afirmativa, uma contradição, podendo as duas respostas negativas ter sentidos perfeitamente compatíveis (e.g., não concordar com a afirmação “é fácil para mim tomar decisões” nem com a afirmação “é difícil para mim tomar decisões”). Podem portanto ser logicamente válidas respostas negativas a ambas as formas de apresentação de um item, enquanto que a repetição da resposta positiva origina sempre incoerência (e.g., concordar com a afirmação “é fácil para mim tomar decisões” bem como com a afirmação “é difícil para mim tomar decisões”).

Em suma, os resultados deste estudo são favoráveis à teoria do processamento dual. O VA poderá resultar de uma dificuldade em reconsiderar a aceitação inicial de um item, por outras palavras, o viés poderá resultar de uma dificuldade de passagem para o segundo estágio do processamento, deliberativo/controlado (Gilbert, 1991; Knowles & Condon, 1999). De acordo com Luo & Craik (2008) o envelhecimento faz-se acompanhar de declínios no processamento controlado. No entanto, apenas um estudo que inclua a comparação com um grupo etário mais jovem poderá fundamentar conclusões sobre a relação do envelhecimento com o VA.

VI – Conclusões

O presente estudo teve como objetivo averiguar o VA em adultos idosos em dos tipos de instrumentos de avaliação (neuro)psicológica. Observámos a manifestação do VA apenas nos IAES, sendo que não encontramos indícios de VA nos IAC. A opção de resposta “sim/não” poderá favorecer a emergência do VA. Dificuldades a nível dos processos cognitivos controlados poderão estar envolvidos na manifestação do viés. Os nossos resultados corroboram a teoria do processamento dual.

O VA representa uma ameaça ao processo de avaliação (neuro)psicológica, que poderá levar a conclusões erradas (Baumgartner & Steenkamp, 2001 cit. in Lelkes & Weiss, 2015; Costello & Roodenburg, 2015; Rammstedt & Farmer, 2013; Rammstedt et al., 2010).

Creemos que a presente revisão bibliográfica e os resultados deste estudo, são suficientemente relevantes para fomentar reflexão e investigações futuras nesta área. Importa compreender os processos cognitivos que possam despoletar o VA, de modo a que sejam formuladas estratégias que permitam colmatar este viés. Entre os métodos de controle do VA, destaca-se o método da ipstatização. Este pressupõe o uso de escalas equilibradas, com números iguais de itens indicativos e contraindicativos do traço que pretendemos medir (e.g., cansado *vs.* descansado). Ipstatizar consiste em recodificar as respostas de cada sujeito, subtraindo à pontuação de cada item a média das pontuações desse sujeito em todos os itens, e dividindo estas pontuações de desvio pelo desvio padrão das pontuações originais em todos os itens. Após a recodificação, todos os participantes têm a mesma média e desvio padrão em todo o conjunto de itens, ainda que as diferenças individuais na forma do perfil se mantenham (Rammstedt et al., 2010). Na ótica de Knowles & Condon (1999), o recurso a incentivos, por parte do entrevistador, durante a administração de itens poderá contribuir para a diminuição

da etapa de reconsideração, uma vez que os incentivos poderão aumentar as distrações cognitivas e emocionais. Os autores sugerem uma postura diretiva por parte do administrador, com a proposta de que um determinado intervalo de tempo deve ser estipulado e despendido a cada resposta de forma a reduzir a influência da aceitação automática.

O psicólogo é parte integrante do processo de avaliação, este deve sempre considerar a informação que tem ao seu dispor (e.g., observação do comportamento, entrevista clínica, informação processual) de modo a formular representações mais válidas/completas de cada sujeito. Todavia, importa também salientar a importância da qualidade dos instrumentos no processo de avaliação psicológica (Simões, 1994).

O nosso trabalho comporta algumas limitações. O tamanho da amostra apresenta-se como uma limitação, pelo que sugerimos o aumento da amostra em investigações futuras, de modo a aumentar o poder estatístico das análises. Sugerimos a elaboração de estudos que permitam a comparação do desempenho entre adultos jovens e adultos idosos, de modo a averiguar a relação entre o VA e o envelhecimento. Seria também interessante investigar ocorrência do VA em grupos clínicos, onde há um comprometimento da compreensão e das FE. Ainda que tenhamos tomado algumas medidas de forma a controlar os efeitos de fadiga e/ou desmotivação dos participantes, não descartamos a hipótese de um eventual efeito de cansaço ou desmotivação sobre os resultados obtidos.

Bibliografia

- Afifi, A., Clark, V. A., & May, S. (2004). *Computer-aided multivariate analysis*. (4th ed.). BocaRaton: Chapman & Hall/CRC.
- Ardila, A. (2007). Normal aging increases cognitive heterogeneity: analysis of dispersion in WAIS-III scores across age. *Archives of Clinical Neuropsychology*, 22(8), 1003-1011. doi:10.1016/j.acn.2007.08.004
- Baddeley, A. D. (2000). The episodic buffer: a new component of working memory? *Trends in Cognitive Sciences*, 4(11), 417-423.
- Bar-Hillel, M., Peer, E., & Acquisti, A. (2014). “Heads or Tails”- a reachability bias in binary choice. *Journal of Experimental Psychology: Learning Memory and Cognition*, 40(6), 1656-1663. doi:10.1037/xlm0000005
- Beigneux, K., Plaie, T., & Isingrini, M. (2007). Aging effect on visual and spatial components working of memory. *International Journal of Aging and Human Development*, 65(4), 301-314.
- Beni, R. D., Borella E., & Carretti, B. (2007). Reading Comprehension in aging: the role of working memory and metacomprehension. *Aging, Neuropsychology, and Cognition*, 14, 189–212. doi:10.1080/13825580500229213
- Brocas, I., & Carrilo, J. D. (2014). Dual-process theories of decision-making: a selective survey. *Journal of Economic Psychology*, 41, 45-54. doi:10.1016/j.joep.2013.01.004
- Brockmole, J. R., & Logie, R. H. (2013). Age-related change in visual working memory: a study of 55,753 participants aged 8–75. *Frontiers in Psychology*, 4(12), 1-12. doi:10.3389/fpsyg.2013.00012
- Avaliação de estados emocionais e sintomas cognitivos em adultos idosos: estudo do viés de aquiescência em instrumentos de escolha dicotômica
Nídia Franco (e-mail:nidiah_f@hotmail.com)

- Buekenhout, I. (2015). *Working memory assessment in older adults: validation and norming studies of the month ordering task* (Master thesis, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal. Retrieved from <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/30955>)
- Cabeza, R., Anderson, N. D., Locantore, J. K., & McIntosh, A. R. (2002). Aging gracefully: compensatory brain activity in high-performing older adults. *Neuroimage* 17, 1394-1402.
doi:10.1006/nimg.2002.1280
- Cavaco, S., Gonçalves, A., Pinto, C., Almeida, E., Gomes, F., Moreira, I., ..., Teixeira-Pinto, A. (2013). Trail Making Test: Regression-based norms for the Portuguese 15 Population. *Archives of Clinical Neuropsychology*, 28, 189-198. doi: 10.1093/arclin/acs115
- Christidi, F., Kararizou E., Triantafyllou, N., Anagnostouli, M., & Zalonis, I. (2015). Derived Trail Making Test indices: demographics and cognitive background variables across the adult life span. *Aging, Neuropsychology, and Cognition*, 22(6), 667-678. doi: 10.1080/13825585.2015.1027650
- Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences*. (2nd ed.). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Costello, S., & Roodenbrug, J. (2015). Acquiescence Response Bias-Yeasaying and Higher Education. *The Australian Educational and Developmental Psychologist*, 32(2), 105-119.
doi:10.1017/edp.2015.11
- Darlow, A. L., Sloman, S. A. (2010). Two systems of reasoning: architecture and relation to emotion. *WIREs Cognitive Science*, 1, 382–392.

doi:10.1002/wcs.34

- Darowski, E. S., Helder, E., Zacks, R. T., Hasher, L., & Hambrick, D. Z. (2008). Age-related differences in cognition: the role of distraction control. *Neuropsychology*, 22(5), 638-44. doi: 10.1037/0894-4105.22.5.638
- Federmeier, K. D., Kutas, M., & Schul, R. (2010). Age-related and individual differences in the use of prediction during language comprehension. *Brain and Language*, 115(3), 149-161. doi:10.1016/j.bandl.2010.07.006
- Firmino, H., Simões, M., Pinho, M. S., Cerejeira, J., & Martins, C. (2008). *Avaliação Cognitiva de Addenbrooke - Versão Revista. Versão portuguesa*. Coimbra: Hospitais da Universidade de Coimbra.
- Gilbert, D. T. (1991). How mental systems believe. *American Psychologist*, 46(2), 107-119.
- Goffaux, P., Phillips, N. A., Sinai, M., & Pushkar, D. (2008). Neurophysiological measures of task-set switching: effects of working memory and aging. *Journal of Gerontology: Psychology Social Sciences*, 63(2), 57-66.
- Just, M. A., & Carpenter, P. A. (1992). A Capacity Theory of Comprehension: Individual Differences in Working Memory. *Psychological Review*, 99(1), 122-149.
- Kaufman, A. S. (2000). Seven questions about the WAIS-III regarding differences in abilities across the 16 to 89 year life span. *School Psychology Quarterly*, 15(1), 3-29. doi:10.1037/h0088775

- Keren, G., & Teigen, K. H. (2004). Yet another look at the heuristics and biases approach. In D. J. Koehler & N. Harvey (Eds.), *Blackwell handbook of judgment and decision making* (pp. 89-109). Malden: Blackwell Publishing. doi: 10.1002/9780470752937.ch5
- Knowles, E. S., & Condon, C. A. (1999). Why People Say “Yes”: A Dual Process Theory of Acquiescence. *Journal of Personality and Social Psychology*, 77(2), 379-386. doi:10.1037/0022-3514.77.2.379
- Kumar, N., & Priyadarshi, B. (2013). Differential effect of aging on verbal and visuo-spatial working memory. *Aging and Disease*, 4(4), 170-178.
- Lelkes, Y., & Weiss, R. (2015). Much ado about acquiescence: The relative validity and reliability of construct-specific and agree–disagree questions. *Research and Politics*, 2(3), 1-8. doi: 10.1177/2053168015604173
- Lezak, M. D., Howieson, D. B., Loring, D. W., Hannay, H. J., & Fischer, J. S. (2004). *Neuropsychological assessment*. (4^a ed.). New York, NY, US: Oxford University Press.
- Lin, H., Chan, R. C. K., Zheng, L., Yang, T., & Wang, Y. (2007). Executive functioning in healthy elderly Chinese people. *Archives of Clinical Neuropsychology*, 22(4), 501–511.
- Lindenberg, U., & Mayr, U. (2014). Cognitive aging: is there a dark side to environmental support?. *Trend in Cognitive Sciences*, 18(1), 7-14. doi: 10.1016/j.tics.2013.10.006
- Luo, L., & Craik, F. I. M. (2008). Aging and Memory: A Cognitive Approach. *The Canadian Journal of Psychiatry*, 53(6), 346-353.

- Milchgrub, G., & Magen, H. (2018). Self-initiated spatial working memory in young and older adults. *Memory*, 26(5), 712-726.
doi:10.1080/09658211.2017.1402938
- Nittrouer, S., Lowenstein, J. H., Wucinich, T., & Moberly A. C. (2016). Verbal working memory in older adults: the roles of phonological capacities and processing speed. *Journal of Speech, Language, and Hearing Research*, 59(6), 1520–1532. doi: 10.1044/2016_JSLHR-H-15-0404
- Paulhus, D. L. (1991). Measurement and control of response bias. In J. P. Robinson, P. R. Shaver, & L. S. Wrightsman (Eds.), *Measures of personality and social psychological attitudes, Vol. 1. Measures of personality and social psychological attitudes* (pp. 17-59). San Diego, CA, US: Academic Press. doi: 10.1016/B978-0-12-590241-0.50006-X
- Peelle, J. E., Troiani, V., Wingfield, A., & Grossman, M. (2010). Neural processing during older adults' comprehension of spoken sentences: age differences in resource allocation and connectivity. *Cerebral Cortex*, 20(4), 773-782. doi: 10.1093/cercor/bhp142
- Persad, C. C., Abeles, N., Zacks, R. T., & Denburg, N. L. (2002). Inhibitory Changes After Age 60 and Their Relationship to Measures of Attention and Memory. *The Journals of Gerontology. Series B, Psychological Sciences and Social Sciences*, 57(3), 223–232.
- Pires, L., Simões, M. R., Leitão, J., & Guerrini, C. (2016). As funções executivas e o envelhecimento. In H. Firmino, M. R. Simões & J. Cerejeira (Eds.), *Saúde Mental das Pessoas Mais Velhas* (pp. 93-109). Lisboa: Lidel.
- Pocinho, M. T. S., Farate, C., Dias, C. A., Lee, T. L., & Yesavage, J. A.

(2009). Clinical and psychometric validation of the geriatric depression scale (GDS) for portuguese elders. *Clinical Gerontologist*, 32(2), 223-236.

Rammstedt, B., Danner, D., & Bosnjak, M. (2017). Acquiescence response styles: a multilevel model explaining individual-level and country-level differences. *Personality and Individual Differences*, 107, 190-194. doi: 10.1016/j.paid.2016.11.038

Rammstedt, B., & Farmer, R. F. (2013). The impact of acquiescence on the evaluation of personality structure. *Psychological Assessment*, 25(4), 1137–1145. doi: 10.1037/a0033323

Rammstedt, B., Goldberg, L. R., & Borg, I. (2010). The measurement equivalence of Big Five factor markers for persons with different levels of education. *Journal of Research in Personality*, 44(4), 53–61. doi: 10.1016/j.jrp.2009.10.005

Ribeiro, O., Paúl, C., Simões, M. R., & Firmino, H. (2011). Portuguese version of the Geriatric Anxiety Inventory: transcultural adaptation and psychometric validation. *Aging and Mental Health*, 15(6), 742-748. doi: 10.1080/13607863.2011.562177

Rypma, B., Prabhakaran, V., Desmond, J. E., & Gabrieli, J. D. E. (2001). Age Differences in Prefrontal Cortical Activity in Working Memory. *Psychology and Aging*, 16(3), 371-384. doi: 10.1037//0882-7974.16.3.371

Salthouse, T. A. (1996). The processing-speed theory of adult age differences in cognition. *Psychological Review*, 103(3), 403-428.

Salthouse, T. A., Atkinson, T. M., & Berish, D. E. (2003). Executive

functioning as a potential mediator of age related cognitive decline in normal adults. *Journal of Experimental Psychology: General*, 132(4), 566-594. doi:10.1037/0096-3445.132.4.566

Simões, M. R. (1994). Notas em torno da arquitetura da avaliação psicológica. *Psychologica*, 11, 7-44.

Simões, M. R., Pinho, M. S., Prieto, G., Sousa, L. B., Ferreira, I., Gonçalves, C., ... Firmino, H. (2015). Addenbrooke Cognitive Examination-Revised (ACE-R). In R. Simões, I. Santana, & Grupo de Estudos de Envelhecimento Cerebral e Demência (Eds.), *Escalas e Testes na Demência* (pp. 32 – 37). Lisboa: Novartis.

Simões, M. R., Prieto, G., Pinho, M. S., Firmino, H. (2015). Geriatric Depression Scale (GDS-30). In R. Simões, I. Santana, & Grupo de Estudos de Envelhecimento Cerebral e Demência (Eds.), *Escalas e Testes na Demência* (pp. 128 – 133). Lisboa: Novartis.

Simões, M. R., Sousa, L., Duarte, P., Firmino, H., Pinho, M.S., Gaspar, N., ..., França, S. (2010). Avaliação da simulação ou esforço insuficiente com o Rey 15-Item Memory Test (15-IMT): estudos de validação em grupos de adultos idosos. *Análise Psicológica*, 28(1), 209-226.

Sung, J. E. (2015). Age-related changes in sentence production abilities and their relation to working memory capacity: evidence from a verb-final language. *PLoS ONE*, 10,(4), 1-12.
doi:10.1371/journal.pone.0119424

Tyler, L. K., Shafto, M. A., Randall, B., Wright, P., Marslen-Wilson, W. D., & Stamatakis, E. A. (2010). Preserving syntactic processing across the adult life span: the modulation of the frontotemporal language system in the context of age-related atrophy. *Cerebral Cortex* 20, 352–364.

doi:10.1093/cercor/bhp105

- Unsworth, N. (2009). Individual differences in self-initiated processing at encoding and retrieval: a latent variable analysis. *The Quarterly Journal of Experimental Psychology*, 62(2), 257-266. doi: 10.1080/17470210802373092
- Wechsler, D. (2008a). *Escala de Inteligência de Wechsler para Adultos – III (WAIS-III)*. Manual. Lisboa: Cegoc.
- Wechsler, D. (2008b). *Escala de Memória de Wechsler (WMS-III)*. Manual. Lisboa: Cegoc.
- Wecker, N. S., Kramer, J. H., Hallam, B. J., & Delis, D. C. (2005). Mental flexibility: Age effects on switching. *Neuropsychology*, 19(3), 345–352. doi:10.1037/0894-4105.19.3.345
- Yoon, J., Campanelli, L., Goral, M., Marton, K., Eichorn, N., & Obler, L. K. (2015). The effect of plausibility on sentence comprehension among older adults and its relation to cognitive functions. *Experimental Aging Research*, 41(3), 272-302. doi: 10.1080/0361073X.2015.1021646
- Yorkston, K. M., Bougeois, M. S., Baylor, C. R. (2010). Communication and aging. *Physical Medicine and Rehabilitation Clinics of North America*, 21(2), 309-319. doi: 10.1016/j.pmr.2009.12.011

Youn, J. C., Kim, K.W., Lee, D. Y., Jhoo, J. H., Lee, S. B., Park, J. H, ..., Woo, J. I. (2009). Development of the Subjective Memory Complaints Questionnaire. *Dementia and Cognitive Coimplaints Questionnaire*, 27, 310-317. doi:10.1159/000205512

Zwaan, R. A. (2016). Situation models, mental simulations, and abstract concepts in discourse comprehension. *Psychonomic Bulletin & Review*, 23(4), 1028-1034. doi:10.3758/s13423-015-0864-x

Anexos

Anexo 1

**Escala de Depressão Geriátrica-30 (GDS-30) (Yesavage et al., 1983;
Simões et al., 2010)- ORIGINAL**

- | | | |
|---|------------|------------|
| 1. De um modo geral, está satisfeito(a) com a sua vida? | Sim | Não |
| 2. Pôs de lado muitas das suas atividades e interesses? | Sim | Não |
| 3. Sente a sua vida vazia? | Sim | Não |

Anexo 1

GDS-30 –versão C/D

1. De um modo geral, estou satisfeito(a) com a minha vida. **Concordo / Discordo**
2. Coloquei de lado muitas das minhas atividades e interesses. **Concordo / Discordo**
3. Sinto a minha vida vazia. **Concordo / Discordo**

Anexo 1

GDS-30 –versão com itens invertidos S/N

- | | | |
|--|------------|------------|
| 1. De um modo geral, está insatisfeito(a) com a sua vida? | Sim | Não |
| 2. Tem mantido a maior parte das suas atividades e interesses? | Sim | Não |
| 3. Sente a sua vida preenchida? | Sim | Não |

Anexo 2

GDS-30 –versão com itens invetidos C/D

- | | |
|--|----------------------------|
| 1. De um modo geral, estou insatisfeito(a) com a minha vida. | Concordo / Discordo |
| 2. Tenho mantido a maior parte das minhas atividades e interesses. | Concordo / Discordo |
| 3. Sinto a minha vida preenchida. | Concordo / Discordo |

Anexo 2

**QQSM (Questionário de Queixas Subjetivas de Memória)
(Youn, et al., 2009)- ORIGINAL**

- | | | |
|--|------------|------------|
| 1. Acha que tem um problema de memória? | Sim | Não |
| 2. Acha que a sua memória está pior do que há dez anos atrás? | Sim | Não |
| 3. Acha que a sua memória é mais fraca do que a das outras pessoas com idade próxima da sua? | Sim | Não |

Anexo 2

QQSM- versão com itens normais C/D

- | | |
|--|----------------------------|
| 1. Acho que tenho um problema de memória. | Concordo / Discordo |
| 2. Acho que a minha memória está pior do que há dez anos atrás. | Concordo / Discordo |
| 3. Acho que a minha memória é mais fraca do que a das outras pessoas com idade próxima da minha. | Concordo / Discordo |

Anexo 2

QQSM– versão com itens invertidos S/N

- | | | |
|---|------------|------------|
| 1. Acha que a sua memória está normal? | Sim | Não |
| 2. Acha que a sua memória se mantém tão boa como há dez anos atrás? | Sim | Não |
| 3. Acha que a sua memória é tão boa como a das outras pessoas com idade próxima da sua? | Sim | Não |

Anexo 2

QQSM– versão com itens invertidos C/D

1. Acho que a minha memória está normal. **Concordo / Discordo**
2. Acho que a minha memória se mantém tão boa como há dez anos atrás. **Concordo / Discordo**
3. Acho que a minha memória é tão boa como a das outras pessoas com idade próxima da minha . **Concordo / Discordo**

Anexo 3

GAI (Geriatric Anxiety Inventory; Pachana e colaboradores, 2006; Versão Portuguesa Adaptada: Ribeiro, Paúl, Simões, & Firmino, 2010)- ORIGINAL

- | | |
|---|----------------------------|
| 1. Ando preocupado(a) a maior parte do tempo. | Concordo / Discordo |
| 2. Tenho dificuldade em tomar decisões. | Concordo / Discordo |
| 3. Sinto-me muitas vezes inquieto(a). | Concordo / Discordo |

Anexo 3

GAI- versão com itens normais S/N

- | | | |
|---|------------|------------|
| 1. Anda preocupado(a) a maior parte do tempo? | Sim | Não |
| 2. Tem dificuldade em tomar decisões? | Sim | Não |
| 3. Sente-se muitas vezes inquieto(a)? | Sim | Não |

Anexo 3

GAI- versão com itens invertidos C/D

- | | |
|--|----------------------------|
| 1. É raro andar preocupado(a). | Concordo / Discordo |
| 2. Tenho facilidade em tomar decisões. | Concordo / Discordo |
| 3. Raramente me sinto inquieto(a). | Concordo / Discordo |

Anexo 3

GAI- versão com itens invertidos S/N

- | | | |
|--------------------------------------|------------|------------|
| 1. Raramente anda preocupado(a)? | Sim | Não |
| 2. Tem facilidade em tomar decisões? | Sim | Não |
| 3. É raro sentir-se inquieto(a)? | Sim | Não |

Anexo 4 Correlações de Pearson entre as variáveis em estudo

VARIÁVEIS	1	2	3	4	5	6	7	8
1. CRPMTIAES	—							
2. CRNMTIAES	.05	—						
3. FA-O PSW	-.07	-.31	—					
4. FA-O LP II-R	-.18	-.27	-.16	—				
5.TMT A	.15	-.17	-.03	-.32	—			
6.TMT B	-.09	-.02	.06	-.20	.25	—		
7.TMT (B-A)	-.08	-.12	.07	-.17	.08	.88*	—	
8. LP I-1ªEV	-.21	.05	.53**	-.14	-.06	.08	-.00	—
9. LP I-ET	-.48**	-.11	.23	.02	-.07	.12	.12	.68**
10. LP I-CEA	-.16	-.41*	-.43*	.41*	-.07	-.18	-.07	-.56**
11. LP I-C1	-.03	-.04	-.36	.27	-.25	.03	.27	-.47*
12. LP I-C2	-.26	-.09	.16	-.07	.14	.07	.17	.25
13. LP II-ET	-.51**	-.27	.01	.29	-.12	-.01	.02	.44*
14. LP II-PR	-.50**	-.03	.01	.14	-.01	.04	-.01	.47*
15. LP II-R	-.34	-.27	.29	.43*	-.18	.06	.10	.52**
16. TeIPi (QIEC)	.00	-.17	.16	-.20	.45*	.48**	.51**	.18
17. CW	-.46*	.00	-.23	-.13	.13	.36	.26	.06
18. PSW	-.10	-.05	.38*	-.21	-.03	.29	.31	.33
19.TOM	.03	.08	.13	-.19	-.01	.24	.23	.50**

VARIÁVEIS	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19
9. LP I-T	—										
10. LP I-CEA	.07	—									
11. LP I-C1	-.33	.27	—								
12. LP I-C2	.29	-.17	.09	—							
13. LP II-T	.80**	.35	-.11	.18	—						
14. LP II-PR	.50**	.00	-.08	.15	.76**	—					
15. LP II-R	.45*	-.06	.05	.20	.59**	.57**	—				
16. TelPi (QIEC)	.12	-.17	.15	.44*	.03	.15	-.09	—			
17. CW	.44*	.19	-.10	.21	.41*	.40*	.16	.04	—		
18. PSW	.30	-.25	-.04	.34	.11	.03	.01	.30	-.11	—	
19. TOM	.55**	-.19	-.14	.13	.34	.30	.19	.30	.23	.53**	—

Nota. CRPMTIAES: contagem das respostas positivas mantidas na segunda aplicação de todos os instrumentos de avaliação dos estados subjetivos. CRNMTIAES: contagem das respostas negativas mantidas na segunda aplicação de todos os instrumentos de avaliação dos estados subjetivos. FA-O PSW: diferença entre a proporção de erros por falso alarme e erros por omissão do subteste de pesquisa de símbolos da WAIS-III. FA-O LP II-R: diferença entre a proporção de erros por falso alarme e erros por omissão do subteste de reconhecimento da Lista de Palavras II da WMS-III. TMT A: Trail Making Test A. TMT B: Trail Making Test B. TMT (B-A): Trail Making Test (B-A). LP I-1ªEV: Lista de Palavras I- primeira evocação. LP I-ET: Lista de Palavras I- evocação total. LPI-CEA: Lista de Palavras I- cálculo da evolução da aprendizagem. LP I-C1- Lista de Palavras I- cálculo do contraste 1. LP I-C2- cálculo do contraste 2. LP II-ET: Lista de Palavras II- evocação total. LP II-PR: Lista de Palavras II- percentagem de retenção. LP II-R: Lista de Palavras II- reconhecimento. TelPi (QIEC): Teste de Leitura de Palavras Irregulares- quociente de inteligência escala completa. CW: subteste Cubos da WAIS-III. PSW: subteste Pesquisa de Símbolos da WAIS-III. TOM: Tarefa de Ordenação de Meses.